



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 278 • PREÇO 1\$00

CALVÁRIO

Do que nós NECESSITAMOS

Quero que seja aberta a carta que hoje remeto ao arquitecto Feixeira Lopes, autor do plano desta aldeia de rapazes; autor das mais formosas casas do *Património* e ora vai dar o risco do *Calvário*, outra obra ao serviço da miséria.

«Obra para doentes abandonados, que se vai chamar «Calvário», a implantar na antiga quinta da Torre, freguesia de Beira, concelho de Parces, hoje Casa do Gaiato de Beira.

Uma casa portuguesa sem cheiro, nem jeito, nem técnica de hospital, conquanto seja destinada a doentes. Dois anjares. No rés do chão temos a cozinha, a copa, a despensa. Refeitório com ministrar, por onde as refeições se servem. Rouparia. Arrumos. Casa de costura. Dois serviços WC. Um dispensário amplo e pequena farmácia. Casa de desinfecções. Uma capela saliente com capacidade para 50 fiéis. Não tem sacristia. Por detrás do altar, fica um espaço de dois metros para as alfaias do culto. Anexo, temos os aposentos do capelão, com a comunicação interior; quarto de dormir, escritório, WC. O refeitório é de pequenas dimensões visto que os doentes na casa não vêm à mesa e os de fora, comem em suas casas. Este R/C tem uma caixa de 60 cm.

O andar superior é dividido em duas partes, sem comunicação. Numa delas, a nascente, são duas salas para 4 leitos, independentes, WC comum. Estas destinam-se a casos que requerem assistência especial. Além destas duas salas, implantam-se também 4 quartos, uma saleta que dá para a sacada, arrumos, casa de banho. A poente, precisamente a mesma coisa, sendo uma parte para homens e uma parte para mulheres. As escadas de serviço para ambos devem ser suaves; diria uns 15x30.

E aqui temos o que vamos chamar a Casa Mãe da Obra onde habitam, além dos doentes delicados, os doentes de boa vontade que desejem prestar os seus serviços; homens a homens, mulheres a mulheres. Não temos assalariados. É uma obra de doentes, para os doentes, pelos doentes.

Vamos agora à parte exterior. São dois grupos de casas sistema «Património dos Pobres» em arruamentos adequados, com taludes e socacos e horta. Um deles a nascente, outro a poente, para assim garantirmos separação. Cada aldeamento é de 25 moradias. Vamos executar o plano à medida das necessidades. Esta sorte de casas, deve ser de construção especial, em virtude do Doente, mas em tudo semelhante às outras

casas. Esta Obra é mesmo uma extensão do «Património». Cozinha e trasfogueiro e lar-ira em todas elas. Algumas, serão de salineta e quarto. Outras, o mesmo e dois quartos. Outros, ainda, o mesmo e três quartos. Estes quartos, devem ser independentes, para que o «dono» saia podendo e querendo, levando consigo a sua chave.

Oito milhões de portugueses de aquém e além, hão-de fazer de um documento, e aqueles que vierem a precisar, guiar-nos dentro de si uma grande esperança. Por todos os títulos, trata-se de uma palavra nova. Ocupar o doente em pequeninos trabalhos, é dar cura aos chamados incuráveis. E isto não se tem feito. Agora sim.

Começou-se em Belas e Odivelas, aonde eu vi com os meus olhos uma obra semelhante. Ainda hoje guardo tudo quanto os doentes me transmitiram, trabalhando cada um na sua obrigação. Não há o senhor director. Não há a secretaria. Não há o corpo administrativo. São doentes em sua casa operando a sua cura por meios domésticos. Vai ser assim o *Calvário*.

Um jornal trazia há tempos que uma cadela a quem arremessaram o seu filho morto, foi por ele; com as patas abre a sepultura, ajeita, cobre com terra e regressa. Outro jornal trazia que,

segundo estrada em fora, um canino dirige-se à valeta a chamar por quem passa.

Estava ali um corpo arrefecido. Ia morrer! Ainda outro periódico diz-nos de como um recém-nascido, é salvo por um animal nas mesmas condições. Mais. Na página da frente de *O Comércio*, vinha uma gata estendida a dar de mamar a dois ratos!! Chegou a hora de acordar. Não de xemose os animais tomem a nossa vez e façamos também alguma coisinha pelo nosso semelhante.

Outro que fosse e na presença de uma tal realização, havia de ir buscar o lápis. Outro que fosse, havia de o ir buscar outra vez, ao pensar o madurante de como manter a futura população. Tudo isto é lógico. É humano. Os mortais não conhecem outros caminhos. Porém o Mestre não ensina assim. Ele espera que saibamos trocar por um acto de fé toda a sorte de raciocínios. É preciso caminhar sobre as ondas e não fazer como Simão Pedro, que por isso mesmo se ia submergindo.

Quare dubitasti?

Por enquanto não. Ainda não começamos. Não temos dia certo. Mas na hora em que as paredes subam, sim.

Nessa hora, são fontes a rebentar. Para tanto, bastam as pri-

(Continua na segunda página)

Deixem passar esta mulher de chaile e lenço que an tou oitenta quilómetros à sua custa e veio aqui entregar doze contos pela conversão dos pecadores. O assinante 1.739 de Lisboa vai com 513\$00 para «Calvário». A precisão é a mesma. Não vamos fazer outra. Não ter aonde viver é triste; quem não tem aonde morrer, é mais desgraçado. Acudir a uns e a outros é uma só obra de misericórdia. Temos um de Santo Tirso com 20\$00. Os Ferroviários de Vila Real cá vão com mais 180\$00. Oçam esta serrana dos *Hermínios* com 20\$00 para um colchão. Da Ilha de Santa Maria, vem um casal com outro tanto para «Calvário». Uma de Contumil, muito contente pelo aumento de ordenado de seu marido, vai aqui com 50\$00. Sem conhecer de quem se trata, sei, pela prática, que é um pequeno aumento de um pequeno ordenado. Fora grande uma coisa e outra e não chegaria nada aqui. O Assinante 11.277 sai de casa e enfileira com 100\$00. Agora arrumem-se. Vão os do C. T. T. da Batalha com mais 726\$50. Mais um nada e temos a casa deles. (Em Setembro tinham eles dado

AGORA

já 4.844\$80.)
O Assinante 18.566 vem de Além Mar, Moamba, e

traz na mão 700\$00 para uma *te-lha*. Aqui não há distâncias nem cores. Um *Licenciado* de Lisboa acode à chamada com 35\$00. É o terceiro e nele ficaremos...! O dos 20\$00 de tabaco que deixa de fumar, cá vai. Também os Empregados da Sociedade de Anilinas do Porto, com 350\$00. Voltam os Professores de Proença-a-Nova com 500\$00. Temos agora a volta à Rua das Flores, com o fim de obter a *Casa Rua das Flores*. Em duas corridas esprememos uns vinte deles.

Sendo a Misericórdia naquela rua eu sugeri e bate-mos à porta. Estava o dono. Deu-nos 10 casas. Vai aqui na precisão. É a Misericórdia.

Vai aqui alguém de Lisboa com 50\$00 a dizer assim: *ele menos pobre e eu mais rico*. Outro de Lisboa com 500\$00. A Maria Alice vai com o dobro. Ainda uma outra com 100\$00 para *Calvário*.

Mais de Ilhavo, um engenheiro envia 250\$, preço de um trabalho de betão armado. Mais de Gaia 50\$ e 70\$; mãe e filho. Que bem se entendem! Mais de Lourenço Marques 100\$, da Berta. Mais de Marquade 200\$ de *Ningum*. De Lisboa 20\$ para um doente pulmonar. O mesmo de S. Martinho de Mouros. Do Porto 50\$. Gouveia 120\$. Mais da cidade da Beira os 400\$ do costume, entre Empregados da Manica Trading. Mais dois contos de Sintra. Mais António e José de Lisboa com 100\$; não há vez nenhuma que o leia que as lágrimas me não saltam sem eu saber porquê.

Mais de Rio Tinto 8\$ do primeiro abono de família de minha filhinha. Mais calçado de Sá da Bandeira. Mais 50\$ de Moçambique. Mais 20\$ de Lisboa. Outro tanto de uma promessa. Idem para um doente dos pulmões. Uma professora dá 70\$ para um dos tuberculosos mais necessitados. Mais 100\$ de Ermezinde. Mais 20\$ da Mealhada. Mais 50\$ de Lisboa. Mais 20\$ do Porto. Mais 50\$ de Lourenço Marques. do primeiro de ordenado de minha filha *Maria Antoneta*. Também ali se fala à moda do Na areno. Nem sempre nem em toda a part se ouve o dinheiro a falar. Quão diferente! Mais 50\$ de Lisboa. Mais de Vila Luso 100\$. Sim senhor; temos recebido as encomendas. Mais 50\$ de Mopria, Zambézia. Mais de Lisboa 15\$. Mais um terço idem. Mais 500\$ da cidade da Beira. Mais 40\$ de Angra. Mais 100\$ de Viana. Mais 5 d'1-res de Vilar de Mouros. Mais 52\$ do pessoal da Fábrica de Malhas Jaque. Mais mil de Vouzela. Mais 70\$ de E pinho. Mais de Gaia, dos empregados da Fábrica de Linhos B. B. B. 150\$. Mais do Porto 100\$ *per alma ue meus queridos pinhos*. Outro tanto de Lisboa. Mais o mealheiro da fábrica dos Marinheiros, da Rua da Piedade, Porto, 586\$. Mais um mundo de coisas e dinheiro no Espelho da Moda havendo as: lienttar mais mil, de alguém que ali deixa mensalmente 500\$ para o pão de um pobre. Que senhor tão rico e tão feliz! Quem será? Do hospital Rainha D. Amélia, da cidade da Beira, 200\$ de alguém que ali foi dar sangue e manda aquele sangue para nós. Tudo grande; até o nome do hospital - Rainha D. Amélia. Mais de Cal da Vila 100\$. Acabo neste momento de perder a minha mãezinha, assim começa uma carta com 20\$. Que lindo chamar! Mais um cheque de 6 contos de Aves. Mais 100\$ de Castelo Branco.



Aqui, LISBOA!

Julgava eu que conhecia já todos os meandros da Curraleira e que me eram familiares todas as suas misérias. Infelizmente não. Há mais e pior. Os males são de tal modo vastos, profundos e variados que, por muito que se atalhem jamais se esgotam. Em acto e potência, o moto é contínuo.

Caminhados os primeiros passos, sai-me ao encontro a mãe do Virgílio, o primeiro gaiato registado no livro desta Casa.

— Padre, venha ali abaixo ver uma desgraça.

Descemos a uma cova. Dentro da barraca, nada de nada. Este nada reflecte-se na cara da mãe e das cinco crianças que a rodeiam. Minada pela tuberculose, não lhe daria mais de três meses de vida, se eu não soubesse que a Providência opera milagres a favor dos insubstituíveis. Como vingaram aquelas cinco crianças? E o ordenado de vinte e dois escudos do marido, que mal chega para ele, há-de chegar para sete pessoas?...

Propus promover o internamento da pobre mãe. Resposta imediata: E os meus filhos?

E morre a apressar a morte dos filhos, esta mártir do seu dever! A mulher no seu lugar é um anjo insubstituível.

Se no dinheiro estivesse a salvação daquela família, eu teria arriscado ali todo o crédito desta Casa e dos nossos leitores.

Continuando, passei por outra tuberculosa que supplica o internamento urgente, tal o receio fundado de não chegar a tempo o remédio.

Desci à barraca do varredor. Recebi a confirmação da notícia da morte do pobre Domingos. A mãe não cessa de chorar a sua dupla soledade. No Hospital, os companheiros, vivamente impressionados por tão rápido apagamento, mandam celebrar pelo seu sufrágio. No nosso altar fiz o mesmo.

Saiem-me agora ao caminho várias vítimas da demolição de há três meses. Querem remédio que lhes não podemos dar. E lá continuam, de noite, a contar as estrelas do céu, até que venha o inverno. Só ele as forçará a buscar novo abrigo. Descendo sempre, passei pelo cercado de ripas do ceguiño *Ti Lúcio* onde há anos o vamos encontrar invariavelmente sentado na mesma tábuca. Compreende-se a anciedade com que espera os cigarritos que lhe levamos. E depois que hino de acção de graças! — *O meu divino benfeitor, muito obrigado! Como é que há no mundo quem se lembre de mim!*

Finalmente, em busca doutro tuberculoso, vou deparar com um magote de mulheres em ares de combate, que cessou bruscamente ao presenciarem a minha aproximação. Não digo nem pergunto nada, mas destaca-se do campo da batalha uma delas que acusa em alta voz: *as mulheres são o diabo!*

Já um escritor afirmava que a mulher, sem Deus, era um monstro. Estranho ser este, que

podendo ser anjo se degrada ao ponto de tornar-se monstro e diabo.

Isto foi numa sexta-feira. No domingo seguinte a romaria foi para Caldas da Rainha. Igreja nova, construída em 420 dias; vida nova, esperançosa Crístandade. Três contos e meio sem descontos. Os Vicentinos foram mostrar-me três lindas moradias do Património, prestes a concluir-se. Depois mais três, e outras três, e tantas quantas os pobres precisarem. Nova e florescente Crístandade!

Dali passei ao Bombarral. Os Vicentinos mostram duas casas a sair dos alicerces. Tem havido demoras imprevistas, mas a coragem sobra-lhes, e vai levá-los muito longe. Depois, Torres Vedras. Mais moradias.

E cá estamos de novo, no Tojal. É por aqui que muitas delas passam em primeira mão. Mais 1.045\$00 dos Empregados da Vacuum. Terão estes Senhores, por lá, alguma mina? Se lhes vem tudo do coração, que esplêndido caudal! Nos depósitos do Montepio há também tantas listas cheias que se torna impossível a enumeração. A Maria da Graça, o Pessoal da Mundial, uma noelista, Alice, Gamboa, H. F., Alfacinha, Uma Portuense, Manuela, V. T. R., Dólares poupados na América, uma Vilealense, etc. etc. Só a Casa da Santa Filomena merece uma Nota da Quinzena.

Depois os Paroquianos de S. Jorge de Arroios com 100\$, Produtos Lácteos com 186\$. 100\$ à porta duma igreja; 20 escudos dum dia de trabalho, para comemorar a data do baptismo.

220\$ do Grupo das Pelintras! Livros e cem dum Engenheiro amigo; 100\$ para que nunca falte casa à minha filhinha; 1.000\$ do Assi. 4 419; 50\$ da Freguesia de Santa Catarina, pedindo desculpa de ser tão pouco; 50\$ dum cheiro de misérias para os pobres da Curraleira; 20\$ do nosso padeiro; 500\$ dum Prelado esperançoso; mais o segundo volume da colecção do Gaiato com os exemplares dos últimos cinco anos da Acção Social Crístã; 50\$ duma promessa, em S. Julião; cem doutra, n.ºs Caldas; outra vez o Ass. 30.394 com 50\$; 150\$ dos Emp. do Crédito Predial; Rafles só com 340\$. Quem será este anónimo Rafles? 20\$ e 50\$ e cem por intermédio dum professor da nossa África e um discurso que merece as honras do Gaiato; 50\$ no Lar; 50\$ e roupas do Hospital do Rêgo. Inesquecível a pronta decisão deste bom Amigo!

Muitos visitantes a dar, uns pelas felicidades dos seus filhos outros pela alma dos seus mortos, outros ainda pela remissão dos seus pecados. 20\$ duma devota de Santa Filomena; 100\$ em carta branca de Lisboa; mais roupas e remédios e mobílias e revistas e livros. Três mil da Câmara Municipal de Loures, onde finalmente encontramos um Homem.

Padre Adriano

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Por estes dias, vamos proceder à entrega das primeiras casas construídas em um daqueles terrenos que a Junta Autónoma das Estradas costuma rejeitar. São três delas, situadas à beirinha do apeadeiro de Casais do Campo. Quem olhar do comboio, não tem remédio senão vê-las. O processo é assim: A Junta comunica à Fazenda que não precisa do terreno. A Fazenda toma conta. Aparecendo quem queira, ela faz praça e vende pelo melhor.

Foi assim com esta nesga. Cuidávamos nós que não teríamos o concorrente, mas não. A hora da praça eles aí vêm e viu-se o inédito: Um funcionário da Repartição de Finanças berra — *ninguém licite que isto é prós Pobres*. Parece que não, mas é. Este funcionário é da União Nacional. Que se saiba, não existem mais casas destas, sendo certo que muitos são os terrenos nas mesmas condições. Já em tempos solicitamos todos quantos se encontram na estrada nacional que vai do Porto a Baltar. Quão fácil! Quão belo! Quão proveitoso! E nada. Não senhor. Parece que é o medo das coisas fáceis e inocentes. Dir-se-ia que Deus esconde aos empreiteiros a humildade destas empreitadas e eles passam à frente! E contudo é por aqui. Um Lar pequenino a cada família.

Ao longo desta mesma estrada e em terrenos particulares, estão-se erguendo casas dos Vicentinos de Rio Tinto. Quem passa na estrada, não pode deixar de as ver. Pois bem. Façam pausa, subam ao monte e observem como e quantos vivem num montão de barracas ali à beira. Vejam quão necessário construir imediata-

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRÁFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA

Calvário Continuação da primeira página

meiras marteladas. Não se torna necessário outro aviso nem sinal. Deus causa o movimento dos corações. Dá o querer. Até os chamados homens de fortuna hão-de começar a perder o medo aos seus dinheiros — e vão dar! Cheques. Vales. Letras. Notas. Joias. Tudo. Isto, que parece ser muito, ainda não é nada. *Majus videbis*. Os vulcões interiores. Inquietações. Gritos da alma. Espanto. O homem interior a falar de si para si. Isto é mais, mas ele há mais. A Teologia despida! Prê que, veja-se o que é, o que tem sido e há-de ser o movimento da construção de casas para os pobres! Só pelas nossas mãos já passaram à beira de 4 milhões de escudos! Assim como das construções, quando chegarem os primeiros doentes, chega com eles e para cada um tudo quanto for necessário e do melhor. Não se discutem os medicamentos. Não são pagas as visitas. Não se pedem enxovais. Não se requerem depósitos. Nada. Dá-se de graça o que de graça se recebe. Eis.

De sorte que, tal como hoje em Paço de Sousa, as multidões hão-de ir amanhã a Beire observar o Incrível e encher-se.

mente tantas quantas as barracas e ao depois queimá-las. Façam pausa.

Verdadeiramente não sei dizer aqui porque é que não nos dão os terrenos abandonados pela Junta. E depois cinco contos por cada unidade. E depois dezenas e dezenas de casas com craveiros à janela. Famílias inteiras com vontade de lavar a cara. Camas e sexos apartados. O Primeiro Mandamento. A Nação mais enriquecida; tudo isto por cinco contos! Claro está que esta soma não chega para uma casa; não dá. Mas é o crescente. Exemplo. Esteve hoje aqui a Comissão que anda actualmente construindo casas na Madalena. Eu gemi. Os nossos fundos do Património, têm levado desgaste. Conversamos acerca da esperança que ainda mantemos de que nos vão dar aquela quantia; ao que eles me disseram — *Se V. nos pudesse garantir essa pequenina soma em vez de cinco faríamos cinquenta*. Compreende-se. Nas nossas mãos, aquele dinheiro deixaria imediatamente de ser a *verba oficial* e teria outra graça. Era caseiro. Era do Património dos Pobres. Outro sabor. Pregava nos altares, chamava por outros dinheiros. Resultado? Casas. Muitas delas com pequeno dispêndio para a Nação e máximo proveito para os seus filhos pobres. Eu mantenho a esperança.

Esteve aqui ontem um meu colega da diocese de Évora. Também ele quer. Ele é sózinho no meio dum povo que o não conhece nem reconhece. Nem sequer lhe dão a nesga do terreno necessário para a primeira! Isto é o Alentejo... Mas ele quer e vai construir. Ele pode. É precisamente por não ter nada que este zeloso sacerdote vai construir...

Já pediu e obteve licença do seu Prelado para o fazer no adro dum capela.

Dei-lhe um cheque muito pequenino. Não é que o fundo esteja em perigo de falir; não é. Mas sim a loucura de cobrir muitos com pouco pano. Dei-lhe um cheque pequenino e fiquei pedindo a Deus aquele espírito de fé que derruba os obstáculos.

Na sua aldeia, diz ele, há um grupo importante de comunistas devidamente organizados e este novo sacerdote vai procurar convencê-los, erguendo casas para abrigar Pobres. Depois da primeira feita, diz ele que tenciona convidar o seu povo, aqueles também, para que escolham entre si a família mais pobre e numerosa. Este é o caminho. Em lugar da força armada, antes a força do Bem fazer.

Na sua aldeia, ao que ele também disse, há meia dúzia de comunizantes. Isto é pior. Isto é muito pior. É preciso que este novo sacerdote se disponha a sofrer a fome e o frio e a nudez e a mentira e tudo, por causa deles e amor de Deus. E só depois é que vence. Eles têm os milhões!

Foi justamente naquelas paragens que há anos nos acenaram com uma herdade, que logo se malogrou. Tivessem eles mantido e já hoje eram ali 200 famílias cada uma com seu quinhão de 5 hectáres. Teria sido o começo. E era tão fácil!

ISTO É A CASA DO GAIATO

Eram dez horas da noite, quando entra na minha sala de trabalho o Ramada, tabuleiro na mão, chá de laranja e um pano por cobertura.

Nós temos uma casa pequenina fora dos muros, airosa e repousante, onde agora habito. Não chega ali o barulho da aldeia.

A presença do Padre Carlos é garantia. Tenho suspirado por este fim: chegou a hora. Depois de grandes trabalhos, manda Deus grandes recompensas.

Tabuleiro, dizia, e um pano por cobertura. Ramada enche, adoça e serve.

Foi este Ramada que há tempos lavou os pés de um como ele, ao chegar a nossa casa, noite dentro; foi ele. Agora serve-me o chá.

Enquanto serve, reparo no pano e soube a sua origem: Uma rapariga da idade dele, que vive com seu avô em uma casa do *Património*, mandou aqui.

O pano, a cor das linhas, o desenho, dizeres, tudo obra dela.

Uma silva azul. Em redor andorinhas de bico aberto, recebem dos pais alimento.

Uma frase — *amor com amor se paga*. Linha azul em pano branco.

Não sei que me deu. Também não posso dizer o que é que Ramada leu no meu semblante. Mas ele compreendeu. Desde então e àquela hora, poisa o tabuleiro na mesa e antes de me servir, leva aos meus olhos o *amor com amor se paga*.

O Avô daquela casa do *Património*, criou um bando de filhos, hoje todos por lá; agora tem este amor na sua companhia, que borda andorinhas e escreve com linha azul o preço do amor! É Deus quem manda àquele nobre ancião a companhia que merece.

*** O Carlos Veloso escolheu a casa de Miranda, aonde foi passar suas férias, na companhia da mulher e seu filho. O *Chico das Pombas* escolheu a casa de Paço de Sousa; e só por isto podemos ler a regra da nossa Obra e o seu timbre familiar. Carlos Veloso era pequenino quando foi para Miranda. *Chico das Pombas* era pequenino quando veio para Paço de Sousa. Eis.

Do que se passou com o casal de Miranda, não sei. Aqui foi um alvoroço, que só terminou quando as férias terminaram. Tudo era o *menino do Chico*. Como ele cá tem um irmão, alfaiate, as horas do seu recreio eram gastas junto da sua cunhada e seu sobrinho.

A merenda af vinha a esposa fazer migas de leite numa grande tijela com o pequenino ao colo. Se o marido ia ao Porto, ela esperava por ele e comiam todos juntos. Não eram a mais. Não aborreciam. Era uma nota alegre. O sacramento do matrimónio dava brilho e dignidade. Rapazes da idade do Chico e mais velhos do

que ele, olhavam com respeito o seu antigo companheiro. Até os superiores da H. I. C. A., onde o Chico é empregado, só por sabermos das suas férias aqui, gozavam as suas férias! Nós mexemos com todo o Mundo!



O Carlos Veloso.

Este rapaz ganha bem. Se este, concerta os mais empregados da mesma companhia. São na verdade Empresas de força e de luz. Outro tanto não posso dizer do Carlos Veloso. O que ele ganha não chega. Por mais que aperte, não pode chegar. É num grémio que ele trabalha... Nem força nem luz.

*** A remessa de Coimbra, tem sido colossal; não que os jornais sejam ali procurados, mas sim porque os rapazes da venda fizeram uma descoberta e hoje é um tal despachar! Covilhã. Eu até não quero dizer nada e dou a palavra a outrem:

«A Obra tem aqui feito revolução. Não sei se sabes que depois de muito teimar consegui que P.º Horácio iniciasse uma venda na Covilhã. De lá foi um pulo até ao Fundão. E no meio fica o Tortozendo. Também tem sido beneficiado. Como vês nas nossas bandas começa o fogo.

Nesta quinzena trouxeram mil. Desses, todos se foram. Os últimos trezentos foram aqui no Castelejo, na festa de Santa Luzia. Do microfone falei a perto de 15.000 peregrinos. Depois mandei-os vender. Foi questão de minutos».

Aqui no Porto, como quer que na zona do Tomar fique o Largo Filipa de Vilhena, ele deu em ir ao hotel Infante de Sagres! Vende um grande número de exemplares. Conta-me maravilhas, sendo a maior de todas, esta de ter sido convidado para almoçar e só não aceitou porque, tendo telefonado ao chefe do Lar, este respondeu a dizer que não senhor. Ora o rapaz ficou triste e eu também; havendo, até, dado ordens ao dito chefe para que deixe comer. *Papagaio*, que estava ao pé, enquanto o vendedor fez soar estas notícias, *Papagaio*, dizia eu, também ficou um nadinha contristado. Para usar as suas palavras e suas ideias, ele declara — *é uma coisa muito importante ver um gaiato a comer nas salas do Infante de Sagres*. E eu estou inteiramente ao lado do *Papagaio*. É na verdade uma coisa muito grande. Maior seria, se também me convidassem e íamos os dois. E se depois do almoço nos dessem «uma casa» por sobremesa, isso então seria o excesso.

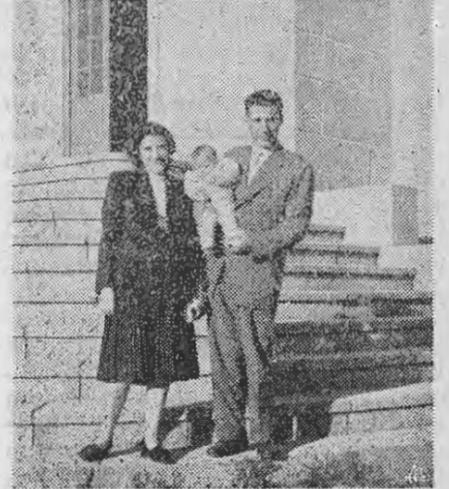
*** *Guilhufe* é sportinguista e vende nas Caixas. Numa delas há protestos. Querem lá um portista. *Guilhufe* é seguro e não muda de clube facilmente. Responde-lhes que não. Mais. Declara que, em chegando a hora de ser substituído, há-de mandar um sportinguista. Gosto assim. Duas caras não. *Guilhufe* é rei no mercado do Bom Sucesso. Quantos leva, tantos vende. No meio disto há um bocadinho de superstição; as vendedeiras chamam por ele e dão fruta *pra tu nos dares sorte*. Ele também conta que na missa da Trindade o senhor capelão lhe pergunta sempre de que é que há-de falar; *queres do Barredo ou do Património*. É o capelão da missa das onze. Deus o ajude.

*** O Senhor P.º Carlos, como agora aqui chamamos ao Sr. Engenheiro, é quem risca na Casa de Paço de Sousa e no Lar do Porto. Não lhe pareceu bem que a sineta do refeitório ehamasse para a capela, tanto mais que esta tem sua torre sineira e sino. Por isso mesmo lhe pareceu e muito bem, que devia ser esta e não aquela. Ele é verdade que o sino não tinha corda e ao perguntar, P.º Carlos soube que já teve e partiu; e que também teve um arame e aconteceu o mesmo; e uma corrente de ferro não teve melhor sorte. Não importa. Ele estava determinado. Queria ouvir o sino da aldeia tocar para a oração.

Eu cá puz-me de lado. Podia ter contado das minhas experiências; dizer que nada resistia; informar dos grandes sarilhos por causa das cordas e dos arames e das correntes. Podia sim, mas não disse.

Preferi que ele colhesse a experiência e vai daí, P.º Carlos dá as suas instruções. Eu vi uma escada de muitos passais por onde subiram muitos rapazes. Eram carpinteiros. Era um ferreiro. Eram outros. Veio do Porto uma corrente especial. O sino tocou três dias, puxado por dúzias de braços acompanhado de vozes *arruma te prá lá que agora sou eu*. Ao fim de três dias partiu-se a corrente, calou-se a voz do sino. É outra vez a sineta! Assim vai aprendendo o senhor Engenheiro.

*** Continuando, torno de novo a P.º Carlos. Ele é o nosso ouvitor. Às vezes entro no seu escritório, noto o rapaz sentado ao pé, fecho imediatamente a porta e retiro-me. Ele está a produzir; e que produzir! São horas e horas



O Chico das Pombas

e horas. São rapazes e rapazes e rapazes. Cinzelar! Aqui é assim. No Lar do Porto é assim. Tivessemos nós mais sacerdotes e este de quem falo havia de ter a missão única de conversar. Ir por todas as Casas do Gaiato conversar... Quando o rapaz quer ouvir e saber, tem um princípio de vida interior. E se ele tem quem o escute, certo é que temos o aumento dessa vida.

*** O Antoninho é outra vez o meu refeiteiro. Chegou ontem do hospital Joaquim Urbano, onde deve ter tido alimentação muito adequada, de medrado que vem. Parabéns a quem lá risca.

Pois Antoninho coloca as coisas de comer sobre a mesa, os cotovelos também e enquanto eu como ele vai-me deliciando com as suas notícias. Não fica nada por dizer e tudo a seu modo. Antoninho quer que eu lhe dê uma camioneta. Ou porque tivesse visto alguma por lá, ou porque alguém conhecido tem a sua, Antoninho não me larga: *quando for ao Porto, traga-me uma camioneta*. Não me calhava agora. Estou justamente esmagado com um carro ligeiro que tive de dar para o Tojal. Um dito para Coimbra.

(Continua na quarta página)



Eis aqui os dois príncipes da Casa de Paço de Sousa. Príncipes porque primeiros. Antes de mais nada, os visitantes vêem os dois. Nem lhes falta o lago, os gansos, os jardins; tudo quanto os torna amáveis. Quem eram? Não se sabe. Todos quantos nós abrigamos, nascem de novo!

UMA CARTA

«Acabo de chegar do Banco do Hospital de S.^{to} António e trago o coração partido de dor, razão por que lhe escrevo a implorar a Sua atenção para mais um caso igual a tantos que certamente conhece.

Apareceu nos hoje no Banco um rapizito de 10 anos de idade, mas aparentando ter menos, que na rua simulando um ataque pelo que foi conduzido ao Serviço de Urgência. Uma vez livre da pessoa que o acompanhava, encarou-nos seriamente e de lágrimas nos olhos disse-nos *ter fome* e ter-se *fungido doente* para que o deixassem entrar no Hospital porque sabia que lá davam comida aos doentes.

Interrogado depois com interesse particular, pois é uma criança viva e dala, disse-nos que não tem Pai nem Mãe, que vive com uma irmã casada que lhe bate muito e que lhe dá fome. Quando lhe perguntamos o nome disse-nos chamar-se *José Maria*, — que mais? — *mais nada* — responde-nos.

N.º ficha de admissão, do pobre José Maria... mais nada, escreveu-se: *Diagnóstico — Miséria*.

Tratamento — Comer. Foi lhe servida refeição quente e o José Maria voltou para a sua miséria.

O diagnóstico estava certo não há dúvida, mas o tratamento não e foi por isso que senti o coração partir-se-me de dor ao lembrar-me que o José Maria vai continuar a sua vida de privações.

A refeição quente que lhe foi servida não me tranquilizou o espírito de nenhum modo e por isso em nome do José Maria me resolvi a escrever para lhe pedir que se lembre dele e que nas suas jornadas de bem-fazer pelo Barrido e pela Sé procure entrar em contacto com ele e por ele fazer aquilo que achar melhor. Se puder arranque-o à doença terrível que o mina e leve-o consigo para Paço de Sousa. Hoje é simulador, amanhã será ladrão talvez e depois e sempre um indesejável da sociedade,

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

Não se admirem, hoje, deste cantinho ser pequeno. Na *procissão*, o montante das ofertas não dá para metade da despesa quinzenal. Desanimar? O vicentino não desanima. Hoje há pouco, amanhã mais. Deus enarrigar-se-á de tocar no coração dos que podem. Temos pobres que passam fome! Dias há que não sabem malga de caldo ou cõdea de pão! Sub-alimentados! É impossível que o sofrimento imerecido destes Heróis não abra a bolsa dos leitores.

— Duma assinante de Pereiro de Anadia, 50\$00. Um anónimo de algures, 20\$00. Um assinante de Buzi Beira—A. O. P., 100\$00. Senhoras e senhores africanos, mandai escudos ultramarinos; pouco que seja. Muitos poucos fazem muito. Em sufrágio da alma de Diana Maria Lages Graça Pinheiro, 100\$00. Assinante 15 477, 20\$00. Dum acerto de contas 4\$50, de Albina Ferreira da Silva, amiga e cliente da nossa Tipografia. De J. M., de Lisboa, 50\$00. E hoje ficamos por aqui. A todos muito e muito obrigado.

Júlio Mendes

não por sua culpa, mas por culpa de nós todos.

Agora outro assunto.

Há já muito tempo, era meu desejo e de meu Marido, que também é Médico, enviar-lhe esta pequena quantia (500\$00) destinada a levantar no seu «Famoso» o grito de Alerta a todos os *Médicos do Porto* para que contribuam para a aquisição de uma ou mais casas do Patrínio que não seriam as «Casas dos Médicos do Porto».

Eu sei que há muitos colegas que aplaudem a ideia. Lance a chama que nós a atearemos.»

Eram 10 da manhã e eu assisti, a convite, à distribuição das primeiras quinze residências, que o senhor Russel de Sousa entregou a outros tantos dos seus operários; elas vão ser sessenta, sita: num bosque de pinheiros perto da igreja das Antas. Os contemplados acudiam à voz do microfone, subiam estrado, recebiam a chave do seu tesoiro e nenhum deles deixou de ir direitinho ao seu paião, a quem dava um abraço com lágrimas nos olhos. É assim que se é patrão. No fim de tudo seguiram para Ponte de Lima, aonde foram almoçar numa sua quinta. Outra vez patrão.

A Litografia Nacional acaba de fazer 60 anos. Os seus trabalhos são perfeitos. O acabamento toca o escrúpulo. Pedir orçamentos à Casa, é um quase profanar.

Era quase meio-dia quando todos nos retiramos. Aquela hora foi para mim tão grata, que eu quis continuar e vou procurar o Zé Maria. O número 9 da Bainharia é um armazém. Sendo domingo, estavam as portas fechadas. Pergunto a uma taberneira de ali ao pé e ela não me soube dizer. Começo a subir a rua e a perguntar pelo Zé Maria. Nisto desce uma mulher conhecida, aproxima-se e diz-me em tom magoado: *venha ver a menina morta*. Compreendi. Eu conhecia a menina. O seu marido tinha entrado há pouco no sanatório de D. Manuel II. Pergunto lhe por ele e ela responde: *hoje está em casa; veio ver a menina morta*. Calei-me. Não sabia dizer nem sabia andar! Do povo em volta safam vozes unânimes: *ela anda a pedir pró caixão da menina*.

Estamos em plena rua aonde todos são por um e aonde um é por todos. A minha presença era garantia de um socorro imediato. Ouvia-se aqui e além: *ele dá*. Sim, dá. Mas não pos o impedir que no mesmo sítio e à mesma hora, passe outra, outras mães, a pedirem aos transeuntes, para irem ver a *menina morta*. Sei de uma filha que foi ao adeleiro vender a sua própria cama para o caixão da mãe, uma cancerosa! O Barredo é terra de Mártires, de Heróis e de Santos!

Af vem o Zé Maria. Andou a palavra de boca em boca e o pequenino aparece. Nada lhe pergunto que a carta acima diz tudo. Tomo-o pela mão. Subimos a rua. Mais gente. Muita gente. É um transbordar. *Vai meu filho*. Num instante, o pequenino que não tem pais, só porque vai comigo, é um filho adoptivo daquela boa gente. *Vai meu filho*. Ao passar pela zona das prostitutas, fui mais aclamado e eram mais fundas as exclamações: *vai meu filho*. Descemos ao Mousi-

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA No passado dia 4 foi a nossa vindima, perante a alegria da alta, que logo pela manhã começou a fazer o seu «celeiro». Só se viam seios carregados de uvas e falar da vindima. Não faltaram as padiolas dos rapazes do Sejaquim, as galés dos tipógrafos, cartas e caixas, tudo carregado de uvas. A vindima durou dois dias e meio e pena foi que não tivesse durado uma semana.

A hora do almoço ficou metade do comer na mesa. Não admira, os estômagos estavam cheios.

À pala das vindimas, alguns animaram e toca a derrotar as c. stanhas e maçãs, mas ia-lhes saindo cara a brincadeira... Acabada que foi esta vindima, já há quem fique a pensar na futura. Agora vai haver guerra, pois uns vão aos celeiros dos outros. Vai ser mesmo bonito! Toca a esconder senão ficas a zero...

— No passado dia 10, o nosso grupo de juniores foi à vila de Paredes, onde foi muito bem recebido, tendo jogado com igual categoria do União Sport Clube de Paredes e vencido por 3-1. O nosso grupo dominou em quase todo o desafio, sendo os nossos melhores: Cândido Pereira, Russo e Tino.

— No mesmo dia o nosso primeiro grupo defrontou os Leões Unidos, de Antime-Fafe, tendo perdido por 4-2, depois de a nossa equipa ter dominado durante a maior parte do tempo, pecando simplesmente na zona de remate.

Parabéns aos vencedores pela vitória e pela correcção posta na luta.

— O nosso grupo cénico está preparando uma festa para o próximo dia 23, em que o nosso Pai Américo faz anos. São 67 e já «muita neve vai na serra», por nossa culpa.

Nesse dia, como é costume, deve dar-se um almoço aos pobres da freguesia e os nossos amigos não vão esquecer o «Património dos Pobres», pois é a melhor prenda que se lhe pode dar. Nós estamos de parabéns e esperamos que o mesmo aconteça com os nossos leitores, sempre prontos prás curvas...

nho. A multidão tinha crescido e ali era um mar! Passava do meio-dia. De perto e de longe, eram olhos cheios de expressão. O que teria ficado na alma daquela gente? Não sabemos. O sucesso das nossas obras, procede justamente daquela ignorância.

Rodamos para a rua D. João IV. Em casa pergunto e soube que ali perto há um fotógrafo *à laminita*. Propuz-me passar por lá; eu pretendia dar aqui feições e farrapos, tal como o encontrei. No fim do almoço peço ao Bernardino para mo trazer. Olhei, não era aquele... Pois era. Era aquele mesmo, agora desfigurado. Bernardino tinha-lhe dado banho. Vestiu-o de lavado. Pençou o seu cabelo. Lançou-lhe perfumes! Ficou outro e era o mesmo! Fixei o Bernardino. Se antes o amava, agora muito mais. Ele é empregado em um estabelecimento de cristais na rua dos Clérigos. Está no seu lugar. Bernardino percebe o meu desapontamento por causa do retrato e para me fazer a vontade, propõe-se desfazer o cabelo e vestir novamente os farrapos. Mas não. Tinha passado o tempo. Havia de ter sido na maré. O Zé Maria já não era o Zé Maria. A operação não dizia a verdade.

Quando na rua D. João IV eu lhe digo *agora vamos embora*, a criança agurra-se à mesa aonde havia almoçado e grita *não*. *Não quero ir*. Aquele *agora vamos* não era igual para os dois: eu queria dizer Paço de Sousa e ele tomou por Bainharia. *Não quero ir*. Ora isto acusa-nos. Isto é a nossa condenação. Fosse só este, mas quantos? Quantos Zé Marias?

Não podemos afirmar paisagens na nossa terra, enquanto houver destes pontos escuros; não podemos.

Vamos agora à derradeira parte da carta. Dois médicos do Porto, benzem a primeira pedra da *Casa dos Médicos do Porto*. Zé Maria vai ser a preciosa argamassa.

— O Faisca tem muita habilidade para fazer aventuras mas dedicou-se ao desenho e agora está quase mestre. Também tem pintado emblemas, figuras, etc., que muito entusiasmo a malta. Pena é que não tenha tintas apropriadas mas isto não deve estar assim por muito tempo, pois os nossos amigos vão fazer-lhe a vontade e então depois é que vai *faiscar*!...

— A comunidade engrossa com mais dois rapazinheiros que esperamos fiquem a gostar do nosso ambiente.

Quem é que não há-de gostar? A sineta toca três vezes ao dia, temos horas para trabalhar, brincar, rezar, roupinha limpa no corpo e a cama muito fofa. Nós somos os rapazes mais felizes do mundo, se assim o quisermos!

— Continuamos a ter muitas visitas aos domingos, e nós deste cantinho a agradecer e os grupos excursionistas a animar... Desta vez destacamos o grupo: «Os amigos dos copos». Quais os que se seguem?

— Em 7 de Outubro, como nos anos anteriores, foi a abertura das aulas. Fazemos votos que os nossos colegas aprendam muito... e «comam» poucos bolos!

— A nossa tipografia já vai tendo mais trabalho, graças aos nossos amigos que nunca se esquecem. Queiram receber os cumprimentos dos tipógrafos e deste vosso amigo.

Daniel Borges da Silva

TOJRI Foi inaugurado na nossa Casa mais um mi-lhoramento: é uma alfaiataria. Na verdade tínhamos muita falta de um alfaiate. Além de dar a alguns rapazes que gostavam desse ofício a possibilidade de o aprenderem resolveu-se também a dificuldade de arranjar os nossos fatos.

Presentemente temos oficinas de sapataria, seralharria, carpintaria. Há também rapazes a trabalhar de pedreiro, electricista e canalizadores, latoeiros e agricultor. Temos portanto para todos os gostos, só nos falta a tipografia, que há de ser montada logo que esteja pronta a igreja.

A pobre que estava junto de nós, a de Pin-teus, faleceu no dia 17 do mês passado.

A nossa Conferência assiste na Amefioetra a outra família que sofre muito. A pobre está doente há 14 anos. O marido dela está na cama há 3 anos e diz que está farto de estar na cama. Antes de nós começarmos a visitá-lo e a levar-lhe a esmola ele esteve tão desanimado que quis acabar com a vida.

Isto são criaturas que não sabem doutrina, por isso não sabem sofrer por amor de Cristo. Mas Deus já manda estes sofrimentos para nos recompensar na outra vida.

Quando lhe levamos a última esmola ele dizia: — Deus não quer saber de mim. Não diga isso tio, respondemos nós, tanto quer saber que foi Ele que nos mandou aqui ajudá-lo a si. Ai sim! Então muito obrigado!

Temos em Lisboa umas senhoras que nos fazem camisolas mas não têm lá para as fazer. Pedimos a uma das fábricas de lanifícios que nos enviem alguma lá. Assim as senhoras podiam trabalhar e nós andarmos melhor vestidos. Já agora volto a lembrar aos senhores, não esqueçam a harmonia.

Está decorrendo o nosso carnaval. As serpentinhas que alguém nos deixou no Lar, encheram o refeitório, a cozinha de papelinhos. As senhoras da Cruz Vermelha trouxeram tantos brinquedos que chegou um para cada. Era algararra pegada a ver quem a apanhava mais e melhor.

Há também umas partidinhas e umas petas que não fazem mal a ninguém. A melhor foi a do Anbuca que acrelitou que semeando na capoeira uma certa semente a planta que nascia dava cabacinhaa donde saiam pintos a piar.

Joaquim A. Gouveia Marques

ISTO É A CASA DO GAIATO Continuação da 3.ª página

Um dito para aqui. Também uma máquina do Araújo & Sobrinho, para o Avelino, que me custou 27 deles. Na derradeira reunião dos *p. p. da rua*, que teve lugar no Porto, houve muito que falar, pois que eles pediram dinheiro e eu disse-lhes que não. Que não senhor, sem pagar estes encargos. E agora é o Antoninho! Uma camioneta!

*** O Rama-la foi desta vez à venda do jornal; ele há muito que não ia. Foi e fez bem, pois que deu matéria para mais lições ao senhor padre engenheiro. Armou um grande sarilho com o *Dita*, a quem roubou a «Tranquilidade» e ainda outros fregueses a outros. Senhor padre engenheiro vai aprendendo...